



O Espaço Intra-Urbano juizforano nos dois últimos decênios do século XX e início do XXI: análise espacial a partir das formas geográficas da globalização

Nathan Belcavello de Oliveira
AGB – Seção Distrito Federal
Ministério das Cidades
Universidade de Brasília
nathan.oliveira@cidades.gov.br

Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar os impactos sobre o espaço urbano brasileiro das políticas neoliberais de reordenação do território nacional para sua inserção na globalização, principalmente com a entrada das cidades médias na lógica produtiva e de consumo mundializadas, contribuindo assim para uma análise mais ampla dos impactos sobre os espaços intra-urbanos, inclusive em outros países da América Latina. Trabalhamos o conceito de globalização e de neoliberalismo, buscando desencadear uma linha de pensamento que, juntamente às contribuições de Milton Santos (2003), leva à proposta do conceito de forma geográfica da globalização. Esta denomina as estruturas que se configuraram nos dois últimos decênios do século XX e início do XXI, sobretudo nas cidades médias brasileiras. Também fazemos à análise do espaço intra-urbano de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, Brasil a partir da identificação das intervenções e investimentos neoliberais e a inserção de formas geográficas propaladas na atual etapa do capitalismo. Não obstante, o presente trabalho procura contribuir nos debates que serão promovidos na comunicação coordenada denominada "Problemáticas sócio-espaciais urbanas em cidade média - análise sobre Juiz de Fora, Minas Gerais", coordenada pela professora Doutora Maria Lúcia Pires Menezes.

Palavras-chave: Forma geográfica da globalização; neoliberalismo; espaço intra-urbano.



Introdução:

No desenrolar das duas últimas décadas do século XX e início do XXI, assistimos mudanças de grande monta nos territórios nacionais dos países latino-americanos. No Brasil, uma série de políticas neoliberais preparou terreno para que o capital globalizado se aproximar da parte da sociedade e do espaço para ele interessante. Contudo, juntamente com os benefícios trazidos para aqueles incluídos na globalização, o fenômeno (contraditório em sua essência) propaga no espaço e para aqueles alijados da sociedade, seus males.

Neste contexto é que as cidades médias brasileiras se inserem na lógica do capital mundial sustentada pelos governos que se seguem desde o fim da década de 1980 principalmente.

E é sobre esta inserção e sobre estas cidades que vamos trabalhar neste artigo. Buscamos analisar os impactos das políticas neoliberais de reordenação do território nacional para sua inserção na globalização e, consecutivamente, sobre o espaço urbano brasileiro, principalmente com a entrada das cidades médias na lógica produtiva e de consumo globalizada. Também desenvolvemos, a partir da globalização e do neoliberalismo, além das contribuições de Milton Santos (2003), a proposta conceitual de forma geográfica da globalização.

Dividimos o texto em três partes. A primeira trata do fenômeno da globalização e das políticas neoliberais empreendidas para a inserção do Brasil na lógica da mais-valia global, construindo o conceito de forma geográfica da globalização e estabelecendo a posição das cidades médias na globalização. Depois analisamos o espaço intra-urbano de Juiz de Fora nos dois últimos decênios do século XX e início do XXI, levantando as mudanças sócio-econômicas e sócio-ambientais sofridas pela cidade, apontando as formas geográficas que caracterizam a inserção do espaço intra-urbano na lógica de produção e consumo globalizada. Por fim, realizamos considerações sobre as análises, procurando contribuir para o debate estabelecido na comunicação coordenada intitulada "Problemáticas sócio-espaciais urbanas em cidade média - análise sobre Juiz de Fora, Minas Gerais", coordenada pela professora Doutora Maria Lúcia Pires Menezes.



1. Globalização e neoliberalismo: construindo o conceito de forma geográfica da globalização

A globalização é um termo que trás consigo uma heterogeneidade de conceitos afirmativos e negativos. Esta diversidade está aliada à versatilidade de seu conceito no domínio do senso comum, pleno em ideologias, mitos e informações (RAMOS e BARBOSA, 2002).

Sene (2003) aponta duas prováveis origens para o termo globalização. A primeira está vinculada às escolas de Administração estadunidenses, surgindo em artigo de Theodore Levitt, da Universidade de Harvard, em 1983. Outra possível origem seria a comunicação, remontando a 1964, sendo utilizado por Marshall Mc Luhan em artigo publicado nos Estados Unidos. Autores franceses apontam como mais adequado o termo mundialização para denominar o atual estágio do capitalismo. Entretanto, adotamos a posição de Milton Santos (2002, 2004) que utiliza indiscriminadamente ambas as palavras, por considerar mais importante a análise do fenômeno do que qualquer discussão terminológica. Ainda há autores – sobretudo economistas – que negam a existência da globalização, considerando o atual estágio do capitalismo como continuidade do imperialismo. Falham ao se restringirem à simples análise econômica do fenômeno, deixando de considerar, provavelmente, suas materializações e impactos no espaço geográfico, uma de suas principais características.

Destarte, a globalização seria a atual etapa de desenvolvimento do capitalismo, alicerçado sobre um meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2002, 2004), tão bem representado pela grande rede de computadores mundial – a internet – impregnada por sua ideologia, que o auxiliou na tarefa de difusão sobre o espaço geográfico, homogeneizando as ações perversas do capital globalizado sobre o planeta (OLIVEIRA 2005a).

Destacamos que tratamos da globalização enquanto processo exclusivo econômico-espacial, ou seja, o que se “globaliza” são a economia e os espaços geográficos de atuação da mesma, não a sociedade de maneira ampla. Assim somente uma parte da população vai desfrutar plenamente da globalização econômica, ao contrário da grande parcela que se inclui de maneira precária a este sistema mundial.

Acompanhando a nova lógica de flexibilização produtiva, de comunicação e de consumo, empreendida pela globalização, o espaço se vê equipado pelos fixos necessários aos novos fluxos mundializados. E, como nunca antes, esta estruturação do



espaço geográfico se dá impregnada de ideologia justificadora, no sentido de que esta chega a anteceder à materialização posta em prática pela lógica espacial da globalização. Isso caracteriza as formas geográficas (SANTOS, 2003), que é a materialização no espaço, das estruturas necessárias para a manutenção do modo de produção específicas do período, quer dizer, formas geográficas da globalização.

As formas geográficas têm em sua formação e utilização toda a ideologia e simbolismo do modo de produção que as constituíram, sendo, por isso, consideradas formas-conteúdo. Sem embargo, com o passar da história, modos de produção se sucedem, de maneira que formas geográficas se sobrepõem (com a destruição da primeira, ou a mudança de seu conteúdo); surgem (em espaços novos); ou são abandonadas (perdendo seu conteúdo, sua utilidade) (OLIVEIRA et al, 2005).

Por sua sorte, no desenrolar das duas últimas décadas do século XX e início do século XXI nos deparamos com mudanças de grandes dimensões nos territórios nacionais dos países latino-americanos. No Brasil, uma série de políticas neoliberais preparara terreno para que o capital globalizado arrebanhasse para si a parcela da sociedade e do espaço para ele interessantes, como parte integrante da ideologia e ações que antecedem a materialização das formas geográficas da globalização. Contudo, adjacente aos benefícios trazidos para aqueles incluídos na globalização, o fenômeno (contraditório por sua essência capitalista) propaga, no espaço e para aqueles da sociedade alijados do processo, seus males.

São as políticas neoliberais, como no restante do território nacional, as responsáveis pela inserção das cidades médias na racionalidade da produção mundial. São elas que amparam ideologicamente e financeiramente a governos municipais na tarefa de transfigurar o espaço urbano das cidades médias às exigências da mais-valia global. Passam a cumprir a função de *locus* do comando técnico da produção globalizada, reunindo toda uma gama de instituições de pesquisa e ensino, além de uma força de trabalho constituída por profissionais especializados. Entretanto, não desempenham as funções de comando político e decisório da lógica da produção mundial, propostas, em parte, às metrópoles como São Paulo, responsáveis pelas informações globais a nível regional. Diante disso, como nos diz Soares (1999, p.62) "não podemos pensar nessas aglomerações apenas como os Eldorados brasileiros". As cidades médias apresentam também problemas e carências ampliados pela inserção delas no sistema produtivo globalizado, traduzindo na geração, cada vez maior, de espaços intra-urbanos marginalizados aos moldes das grandes cidades e metrópoles



nacionais. Com um agravante ainda mais sério: a dependência que a maioria dessas cidades passa a contrair do capital global que nelas instalam suas plantas produtivas, ameaçadas constantemente pelo fechamento parcial ou total das mesmas, a fim de se garantir a manutenção ou ampliação das vantagens de localização e tributária a ele dado, pois, uma vez fechadas, o que fazer com toda infra-estrutura constituída a favor das empresas? E com a massa de desempregados que surgiria? É uma questão que muitos prefeitos não querem pensar em enfrentar durante seus mandatos.

2. Análise espacial de Juiz de Fora, Minas Gerais:

Juiz de Fora, principal município da Zona da Mata Mineira e um dos mais importantes de Minas Gerais, se localiza na porção sul da referida mesorregião, estando no tronco rodoviário (BR 040) entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte (vide mapas 1, 2 e 3).

O município experimentou um crescimento populacional destacável, sobretudo no desenrolar das quase três últimas décadas. Este crescimento se deve em boa parte ao saldo migratório positivo, que já historicamente contribui para o incremento demográfico principalmente da área urbana, como nos apresenta Machado (1997) em artigo elaborado sobre a cidade. O autor realiza uma série de análises apontando a importância dos imigrantes no crescimento demográfico, sobretudo devido à atração que Juiz de Fora exerce na região, uma vez que, entre os imigrantes, por volta de 88% são provenientes do sudeste mineiro e de áreas do estado do Rio de Janeiro próximas aos limites estaduais, fortemente polarizadas pela cidade (MACHADO, 1997).

A cidade também possui uma população flutuante consideravelmente elevada, que procura e utiliza os equipamentos, bens e serviços urbanos e empregos que nela se encontram. Juiz de Fora sempre desempenhou atração econômica por questões ímpares em cada período. Entretanto a atual atração está ligada, basicamente, a dois fatores: o surgimento, destacadamente na década de 1990, de uma série de instituições de ensino superior e técnico privadas, além da ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), estabelecida desde 1960 (vide tabela 1); e a reestruturação territorial pelo qual o município passou, principalmente na última metade do quartel final do século XX (se preparando para sua inserção no sistema produtivo globalizado).

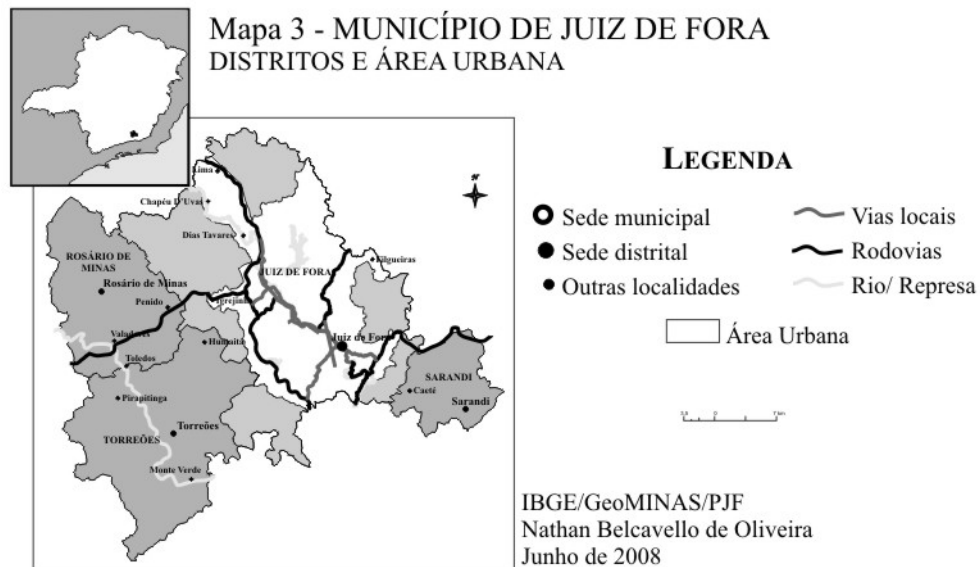


Tabela 1 – Quantidade de cursos técnicos, de graduação e pós-graduação oferecidos por algumas Instituições de Ensino Superior em Juiz de Fora

<i>Instituição</i>	<i>Tipo de Ensino (quantidade de cursos oferecidos)</i>				
	<i>Técnico Tecnólogo</i>	<i>Graduação</i>	<i>Pós-Graduação</i>		
			<i>Especialização</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF ^a	10 ^b	33	27 ^c	15	2
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF	-	14	9	1	-
Escola de Enfermagem – Santa Casa de Misericórdia	1	-	-	-	-
Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora - Suprema	-	4	2	-	-
Faculdade do Sudeste Mineiro - FACSUM	-	7	-	-	-
Fundação Educacional Machado Sobrinho	2	2	9	-	-
Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora – Estácio de Sá	2	7	23	-	-
Instituto de Laticínios Cândido Tostes – ILCT/EPAMIG ^a	1	-	-	-	-
Instituto Doctum	-	1	-	-	-
Instituto Metodista Granbery	-	5	7	-	-
Instituto Vianna Júnior	3 ^d	2	9	-	-
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC	10 ^d	16	2	-	-
Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO	-	20	8	-	-

^a Instituição pública; ^b Cursos oferecidos pelo Colégio Técnico Universitário – CTU – vinculado à UFJF;

^c Quantidade aproximada; ^d Cursos tecnológicos.

Fonte: OLIVEIRA, 2006.

Tabela 2 – Reestruturação territorial e seu período

<i>Reestruturação realizada</i>	<i>Período</i>
Duplicação do trecho da BR 040, ligando Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, com posterior concessão à Companhia de Concessão Rodoviária Juiz de Fora-Rio – CONCER;	Final dos anos 1980 (concessão a partir de 1996);
Arrendamento da Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal para MRS Logística SA;	A partir de 1996;
Implantação do gasoduto da Companhia de Gás de Minas Gerais – Gasmig;	A partir de 1995;
Implantação da rede de fibra ótica na área urbana;	Final da década de 1990;
Implantação da primeira Estação de Tratamento de Esgoto (na Barreira do Triunfo) da Companhia de Saneamento Municipal – CESAMA, para atender às exigências da Mercedes-Benz;	
Implementação da Usina Termelétrica de Juiz de Fora das empresas Companhia de Força e Luz Cataguases-Leopoldina e da Alliant-Energy.	A partir de 2001.

Fonte: OLIVEIRA, 2006.

A tabela 2 mostra, cronologicamente, algumas reestruturações territoriais que se concretizaram em benefício da inserção da cidade na globalização.

Por sua vez, a tabela 3 apresenta alguns projetos que estão ou serão implantados como forma de adequação de Juiz de Fora à economia mundializada.

Tabela 3 – Projetos de adequação de Juiz de Fora que estão ou serão implantados

<i>Projeto</i>	<i>Período</i>
Via São Pedro;	Obras iniciadas por volta de 2002, sem previsão de término;
Aeroporto Regional da Zona da Mata – localizado entre os municípios de Goiana e Rio Novo;	Obras iniciadas em 2002, sem previsão de conclusão;
Centro de Convenções e Exposições – CONEX – localizado na BR 040, próximo à represa do São Pedro;	Obras iniciadas em 2003, com previsão de inauguração em março de 2006;
Parque Tecnológico de Juiz de Fora.	Conversações iniciadas em 2001, com previsão de conclusão entre 5 e 10 anos.

Fonte: OLIVEIRA, 2006.

Tabela 4 – Investimentos produtivos e de consumo do capital globalizado, implantados em Juiz de Fora

<i>Investimento implantado</i>	<i>Principais acionistas</i>
Conglomerado Belgo, que arrendou e depois comprou a Siderúrgica Mendes Júnior;	Grupo Arcelor (resultado da fusão dos grupos Arbed – possuidor original da Belgo, de capital luxemburguês; Usinor – de capital francês; Aceralia – grupo espanhol; também Grupo Bradesco e dos fundos de pensão Previ y Centrus);
Um dos quatro centros de atenção ao consumidor da Brasil Center, subsidiária da Embratel Participações;	Subsidiária, por sua vez, da Telmex, de capital mexicano (a Telmex adquiriu a Embratel da empresa estadunidense Worldcom, depois da falência da mesma, que havia adquirido a Embratel durante a privatização das telecomunicações brasileiras em 1998);
Montadora de veículos da Daimler Chrysler.	Subsidiária do conglomerado mundial da Daimler Chrysler, de capital alemão e estadunidense (sublinhamos a questão fundamental que a “guerra fiscal”, travada pelos governos de Juiz de Fora e de Minas Gerais com outros municípios e estados brasileiros, teve para a escolha da cidade para implantação da montadora);
Hipermercado Carrefour;	Filial do grupo varejista Carrefour, de capital francês;
Hipermercado Makro.	Filial do grupo atacadista Makro, de capital holandês.

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA, 2006.

Seguindo à reestruturação territorial, investimentos do capital globalizado, tanto de caráter produtivo, quanto de consumo, passam a ser implantados em Juiz de Fora, conforme visto na tabela 4.

Todo este movimento de reestruturação territorial e de investimentos do capital mundial é responsável por uma drástica alteração do espaço intra-urbano juizforano, especialmente no que tange aos interesses imobiliários especulativos e à segregação sócio-espacial.

A chegada de investimentos e o surgimento de novas linhas de financiamento, favorecidas pela inserção da cidade no sistema econômico mundial, impeliram o nascimento de um novo mercado imobiliário, que abarca a população vinculada à produção globalizada, que provoca a efervescência de novos produtos imobiliários por parte dos grandes empreendedores do setor.

Outro processo que se exacerba é a segregação sócio-espacial, que se revela maquiavelicamente com a entrada de Juiz de Fora na reprodução do capital

globalizado¹. Esta se dá por meio da inserção de formas geográficas da globalização em todos os aspectos do espaço cotidiano (produtivo, de consumo e residencial). Destarte, materializando os antagonismos próprios do período, onde uma parte da população privilegiada pelos benefícios da economia mundial contrasta com uma grande maioria que, desinteressante à mais-valia global, por não ter “muito a oferecer”, se inserem precariamente ou, simplesmente, são excluídos da lógica.

Dessa maneira, além dos investimentos produtivos e de consumo implantados diretamente pelo capital globalizado no espaço intra-urbano, conforme descrito na tabela 4, surge o projeto do Independência Shopping, inaugurado em abril de 2008, que caracteriza a concretização, no consumo, de uma forma geográfica da globalização. Dentro da perspectiva de Milton Santos (2003) sobre formas geográficas (como descrito na parte anterior) o shopping é a forma geográfica privilegiada de introdução do capital financeiro-imobiliário-comercial no espaço. A partir dele o capital se (re)produz (LOURES; OLIVEIRA, 2004). É também a tentativa de mercantilização do ponto comercial, produto espacial do trabalho, por meio de sua produção em “aglomerações imobiliárias – pacotes imobiliários – cada vez maiores e complexos, pois só eles produzem os pontos” (VILLAÇA, 2001, p. 304).

Mas também a proliferação de pequenas fábricas, sobretudo malharias; de camelôs, vendendo produtos contrabandeados ou falsificados; e o próprio crescimento do narcotráfico em Juiz de Fora, em certos lugares da cidade; é a materialização contraditória do processo de globalização e de maximização da segregação sócio-espacial.

Sobre a moradia, os loteamentos fechados e os assentamentos subnormais² constituem nas “duas faces da mesma moeda” em Juiz de Fora, uma vez que a propagação de ambas as formas geográficas antagônicas se dão, particularmente, no período em que a cidade se arraiga sócio-econômico-espacialmente na lógica produtiva da globalização, sendo, pois, formas geográficas da globalização.

Os loteamentos fechados estão localizados em todo espaço intra-urbano juizforano praticamente, concentrando-se mais especificamente na Cidade Alta, região de altitude mais elevada em relação ao vale aonde se situa o Centro. Constituem-se em

¹ Destacamos que a segregação sócio-espacial sempre foi um processo marcante na apropriação do espaço geográfico pela sociedade brasileira, dada sua desigualdade sócio-econômico-espacial permanente e que isso nunca deixou de se refletir sobre o espaço intra-urbano de Juiz de Fora, sendo um fenômeno inerente ao capitalismo. Todavia, no período analisado, esta se aguçou de maneira nunca antes observada.

² Ambas as maneiras ilegais de apropriação de espaço, por não possuírem regulamentação e por tomarem o solo urbano e, sobremaneira, o espaço público de forma indevida.

produtos imobiliários altamente lucrativos aos agentes que os empreendem na região porque, mesmo ocorrendo uma certa demora na venda dos lotes, estes apresentam uma supervalorização a médio e longo prazos. Segundo a Habitat Engenharia, uma incorporadora e promotora imobiliária responsável pela execução de alguns loteamentos fechados na Cidade Alta. Os custos de execução deles são elevados, mas a valorização exponencial dos lotes os torna empreendimentos mais lucrativos que nos loteamentos comuns. Exemplo disso é o Residencial Granville (da Habitat Engenharia) que no período de sua implantação, em 1993, tinha lotes comercializados em torno de 10 mil dólares, sendo que em 2005 já era vendido por cerca de 25 mil dólares, constituindo assim em uma das áreas mais valorizadas de Juiz de Fora (OLIVEIRA; CHAVES, 2005).

Outra característica a se destacar é a atração que os loteamentos fechados exercem sobre as atividades comerciais que têm como finalidade assistir aos moradores com bens e serviços. Portanto, o que se constata na Cidade Alta é uma concentração de lojas de materiais de construção, além de outros como supermercados, açougues, padarias, farmácias, postos de combustível, oficinas mecânicas, academias de ginástica e restaurantes. Porém, a esta atração não se segue à incorporação em uma mesma lógica de todo espaço da Cidade Alta, uma vez que os loteamentos fechados somente se relacionam com certos lugares, mesmo estando lado a lado com assentamentos subnormais, o que caricatura de maneira exemplar a segregação sócio-espacial e a contradição da globalização, conforme pode ser visto na foto 1.

Por sua vez, principalmente na segunda metade do quartel final do século XX, os assentamentos subnormais se tornaram em problemas graves na cidade inteira.

A mudança de famílias de bairros urbanizados para assentamentos subnormais em Juiz de Fora está cada vez mais comum. Até 2005 eram 90 assentamentos desse tipo, distribuídos pela periferia, concentrando-se, majoritariamente, na direção contrária dos investimentos imobiliários e comerciais. Alguns destes lugares se constituíram em períodos históricos e econômicos mais antigos, como reflexos da desigualdade própria da sociedade capitalista. Mas boa parte destes assentamentos subnormais se formaram na década de 1990, sendo a materialização dos impactos negativos da globalização (OLIVEIRA; CHAVES; SIMONCINI, 2004).

Como seqüelas da origem e formação dos assentamentos subnormais estão as problemáticas sócio-ambientais, emanadas da falta de infra-estrutura urbana básica, da precariedade na construção das moradias e de sua localização.

Foto 1 – Aspectos da segregação sócio-espacial na Cidade Alta, muro que separa o Residencial Granville e o bairro Jardim Casablanca



Considerações Finais:

Os problemas sócio-ambientais têm forte relação com a pobreza da população nos assentamentos subnormais que, por sua vez, são vítimas de um processo de integração de um espaço produtivo globalizado que os excluem. Tanto esta parte da população tem menos acesso a serviços de infra-estrutura básica, como é a maior prejudicada, posto que as condições de renda e as políticas inadequadas, que visam somente a atenção à mais-valia do capital globalizado, não permitem que a população assuma atitudes defensivas.

No contexto da sociedade brasileira (historicamente marginalizadora e discriminatória da maior parte da população), o individualismo e o consumismo se conformam em aberrante irresponsabilidade social e em institucionalização da segregação sócio-espacial das classes pobres.

Acreditamos que fornecemos aqui informações que convidam a todos na busca da resolução das problemáticas sócio-econômicas e ambientais, destacadamente, mas não somente, nas cidades médias brasileiras, com o fim de amenizar algumas das conseqüências desastrosas das desigualdades sociais e da seletividade imposta pelo capital globalizado na distribuição da infra-estrutura verificada na contemporaneidade das grandes cidades e metrópoles do Brasil.



Identificando as formas geográficas próprias do período atual podemos analisá-las desde sua essência, ou seja, desde sua ideologia, materializada nas formas que tomam no espaço urbano. Além das formas que servem diretamente aos propósitos do capital mundial (as plantas das empresas globais; os *shoppings centers*; os loteamentos fechados), devemos entender as formas geográficas da globalização que nascem exatamente pela contradição própria do sistema (as pequenas fábricas ilegais; os comércios informais de rua; os assentamentos subnormais) para encontrar os caminhos que possibilitem a luta aberta contra a desigualdade social presente na segregação sócio-espacial no espaço urbano brasileiro, perseguindo o ideal de uma cidadania completa e verdadeira para todos.

Creemos na viabilidade da resolução dos pontos negativos que o neoliberalismo e a globalização trouxeram para o espaço urbano brasileiro. A mudança de valor e comportamento sócio-políticos que se faz referência compreendem necessariamente a desprivatização do Estado, em todos os níveis de governabilidade (hoje monopolizado pelos grandes interesses econômicos, do capital mundializado, e corporativos, das elites dominantes) e a restauração do conceito de bem comum e interesse público como categoria de Estado.

Isso nos remete a propor algumas perguntas a serem respondidas por nós, cidadãos. Será que o “desenvolvimento” alardeado pelas autoridades tem sido realmente em benefício de todos? Até quando aqueles beneficiados pelas maravilhas vindas da globalização poderão continuar a alijar os demais habitantes da cidade sem que haja conflitos mais sérios que os que já ocorrem cotidianamente?

Não esgotamos o tema proposto no texto, nem tínhamos esta pretensão. Esperamos, porém, que nosso trabalho sirva para que outros pesquisadores se interessem pelo tema e contribuam com a pesquisa. Também esperamos que este artigo auxilie no debate acerca das problemáticas sócio-espaciais urbanas nas cidades médias.

Referências bibliográficas:

CATAIA, Márcio. Capítulo 23 – A alienação do território – o papel da guerra fiscal no uso, organização e regulação do território brasileiro. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (organizadora). **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 397-407.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php/>>. Acesso em: 29 fev. 2008.

LOURES, Antônio Gabriel Rosa; OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. Globalização, formas, lugares e ações: estudo de caso sobre a implementação do Independência Shopping em Juiz de Fora – MG. In: CONGRESSO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 6., Goiânia, 2004. **Anais do VI Congresso de Geógrafos Brasileiros**. Goiânia: AGB/UFG/UCG, 2004. p. 1-12. 1 CD-ROM.

MACHADO, Pedro José de Oliveira. Juiz de Fora: polarização e movimentos migratórios. **Revista Geosul**, Florianópolis, n. 23, p. 121-137, fev.-jun. 1997.

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. **Por uma geografia da verdadeira inclusão social** – uma análise sobre globalização em alguns livros didáticos de Geografia do Ensino Médio. 2005a. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

_____. Mobilidade residencial em Juiz de Fora, Minas Gerais – estudo de caso no Alto Santo Antônio. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL CIDADES MÉDIAS: DINÂMICA ECONÔMICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO, 1., 2005, Presidente Prudente. **Anais do I Simpósio Internacional Cidades Médias: Dinâmica Econômica e Produção do Espaço Urbano**. Presidente Prudente: GASPERR/UNESP, 2005b, p. 1-16. 1 CD-ROM.

_____. Neoliberalismo e globalização: conseqüências sobre a mobilidade residencial das classes sociais menos favorecidas em Juiz de Fora, Minas Gerais – estudo de caso no Alto Santo Antônio. SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DA ZONA DA MATA MINEIRA, 1., Juiz de Fora, 2005. **Anais do I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira**. Juiz de Fora: CES-JF/ UFJF/ AHJF-PJF, 2005c, p. 1-20. 1 CD-ROM.

_____. **Mobilidade residencial, segregação sócio-espacial e globalização em Juiz de Fora, Minas Gerais** – estudo de caso no Alto Santo Antônio. 2006. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.



OLIVEIRA, Nathan Belcavello de; CHAVES, Telma Souza. Loteamentos fechados como formas geográficas da globalização – aspectos sócio-ambientais e legais em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL HUMBOLDT, 7., Merlo, 2005. **Anales del VII Encuentro Internacional Humboldt**. Merlo: Centro de Estudios Alexander von Humboldt, 2005, p. 1-13.

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de; Chaves, Telma Souza; SIMONCINI, João Batista Villas Boas. Globalização, neoliberalismo e impactos sobre a América Latina – conseqüências sobre o espaço urbano na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ENCUENTRO INTERNACIONAL HUMBOLDT, 6., Villa Carlos Paz, 2004. **Anales del VI Encuentro Internacional Humboldt**. Villa Carlos Paz: Centro de Estudios Alexander von Humboldt, 2004, p. 1-15. 1 CD-ROM.

RAMOS, Maria Helena Rauta; BARBOSA, Maria José de Souza. Capítulo 4 – Globalização, novas relações econômicas e impactos nas cidades brasileiras. In: RAMOS, Maria Helena Rauta (organizadora). **Metamorfoses sociais e políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 85-111.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: USP, 2002.

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: USP, 2003.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: USP, 2005.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**, Presidente Prudente, n. 6, 1999, p. 55-63.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/ Lincoln Institute, 2001.